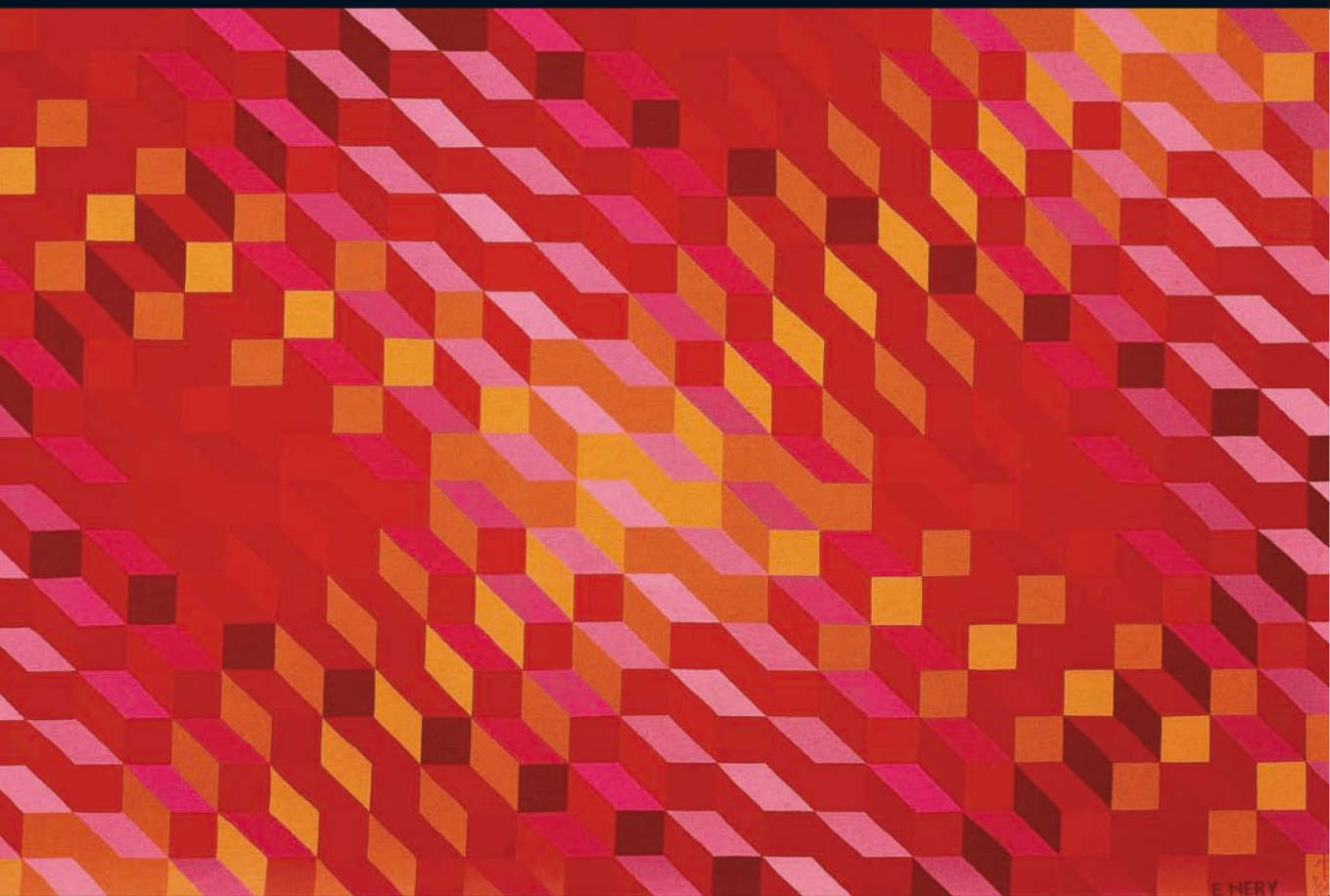


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



AS MINAS DE SALOMÃO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

RIDER HAGGARD

AS MINAS
DE
SALOMÃO

Tradução revista

POR

EÇA DE QUEIROZ



PORTO

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON

Casa editora

LUGAN & GENELIOUX, Successores

1891

Todos os direitos reservados

Nota prefacial

A vida literária de Eça de Queirós não decorreu isenta de dificuldades de vária ordem, dentre as quais as de carácter económico. Para além das relações nem sempre amenas com os seus editores, em parte dominadas pela discussão de proventos autorais, o grande escritor viveu apertos financeiros significativos, sobretudo a partir dos anos 80 do século XIX. Depois de ter casado e de ter visto as suas responsabilidades familiares aumentarem, Eça teve que dilatar os seus rendimentos, por forma a fazer frente àquelas responsabilidades, agravadas pelo elevado custo de vida em Paris, cidade em que se fixou a partir de 1888. Alguns dos projectos literários queirosianos têm que ver com este aspecto da biografia de Eça: colaboração na imprensa e organização de almanaques foram algumas das soluções encontradas pelo escritor para incrementar o seu orçamento pessoal; a par disso (mas também em sintonia com isso), a criação da *Revista de Portugal* assegurava ao romancista uma intervenção cultural regular junto de um público leitor em crescimento.

A publicação, na *Revista de Portugal*, a partir de Outubro de 1889, de uma tradução portuguesa do romance *As Minas de Salomão*, da autoria de Rider Haggard (*King Solomon's Mines*, no título original, em primeira edição de 1885), cumpria um propósito de aculturação que não excluía o apelo económico. A *Revista de Portugal* não procurava atrair apenas leitores interessados por temas económicos, políticos ou sociais; juntamente com esses, interessava cativar um público mais amplo (e já mesmo feminino) que fizesse subir as vendas e as assinaturas da revista. O romance de Haggard correspondia muito bem a esse propósito: a África estava então na moda (e em discussão), não se havia esbatido ainda o fascínio por

um exotismo de matriz remotamente romântica e uma acção narrativa em que mistério e aventura se caldeavam ajudava a interessar e (como hoje diríamos) a fidelizar os leitores.

A presente edição crítica d'*As Minas de Salomão*, por Alan Freeland, retoma várias das questões que ao longo dos anos têm interessado os estudiosos (em número relativamente escasso, diga-se de passagem) desta tradução e do papel que nela terá tido Eça de Queirós. Seja qual for esse papel, parece inegável que o texto português, apresentado na edição em livro de 1891 como revisto por Eça, constitui uma espécie de versão livre do original inglês, versão de onde não está evidentemente ausente o inconfundível timbre estilístico queirosiano.

A circunstanciada introdução que Alan Freeland preparou para esta edição trata desta e de muitas outras questões, não deixando de colocar as *Minas* «em contexto». E este um procedimento absolutamente indispensável, para entendermos as motivações de Eça, enquanto editor e sobretudo tradutor-revisor deste romance um tanto sofrível, se comparado com as magistrais criações saídas da sua pena. E a edição em simultâneo dos dois textos — o original inglês e a versão portuguesa — constitui uma adequada opção editorial para que se possa fazer uma ideia clara das diferenças entre ambos. Também por isso, esta edição crítica passa a constituir um elemento de trabalho fundamental para melhor compreendermos um âmbito do trabalho literário queirosiano que merece ser valorizado. O currículo queirosiano de Alan Freeland, aliado à sua condição de falante nativo da língua inglesa são argumentos decisivos para confirmarem a seriedade do trabalho que aqui fica.

CARLOS REIS

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	15
1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS	15
2. <i>AS MINAS DE SALOMÃO</i> EM CONTEXTO	20
2.1 A partilha de África	20
2.2 O romance imperial	24
3. <i>AS MINAS DE SALOMÃO</i> NA <i>REVISTA DE PORTUGAL</i>	30
4. EÇA ENQUANTO TRADUTOR	41
4.1 A assimetria da tradução	41
4.2 Narradores e leitores	42
4.3 Fidalgos e «Delagoa Portugees»	49
4.4 A África como paraíso	56
4.5 Morte e regeneração	68
5. A EDIÇÃO CRÍTICA	76
5.1 O texto-fonte de Eça	76
5.2 Critérios para esta edição	79
5.3 Aparato crítico	85

TEXTO CRÍTICO	87
<i>Introdução</i>	89
AS MINAS DE SALOMÃO	93
Capítulo I: <i>Encontro com os meus camaradas</i>	93
Capítulo II: <i>Primeira notícia das Minas de Salomão</i>	115
Capítulo III: <i>O homem chamado Umbopa</i>	141
Capítulo IV: <i>Os elefantes</i>	165
Capítulo V: <i>A nossa entrada no deserto</i>	185
Capítulo VI: <i>Penetramos no reino dos Kakuanas</i>	275
Capítulo VII: <i>O rei Tuala</i>	293
Capítulo VIII: <i>A grande dança</i>	351
Capítulo IX: <i>Antes da batalha</i>	379
Capítulo X: <i>O ataque da colina</i>	401
Capítulo XI: <i>A batalha de Lu</i>	419
Capítulo XII: <i>O rei Ignosi</i>	455
Capítulo XIII: <i>A grande caverna</i>	477
Capítulo XIV: <i>O tesouro de Salomão</i>	499
Capítulo XV: <i>Nas entranhas da terra</i>	523
Capítulo XVI: <i>A partida de Lu</i>	545
Capítulo XVII: <i>Enfim!</i>	563
<i>Apêndices</i>	575
Apêndice 1	577
Apêndice 2	581
<i>Notas biobibliográficas</i>	583

INTRODUÇÃO

1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Entre Outubro de 1889 e Junho de 1890, a *Revista de Portugal*, fundada e dirigida por Eça de Queirós, editou, em partes, uma tradução portuguesa do romance de aventuras *King Solomon's Mines* (1885), de Henry Rider Haggard, com o título *As Minas de Salomão*. Tem sido objecto de algum debate a questão de se foi Eça que traduziu o texto ou se, como afirma, apenas reviu o trabalho efectuado por um tradutor que permaneceu anónimo. Vale, pois, a pena começar por relembrar rapidamente esta problemática, por forma a fundamentar-se a inclusão de *As Minas de Salomão* na Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós.

Até agora, *As Minas de Salomão* têm recebido, na vasta bibliografia queirosiana, escassa atenção. A *Bibliografía Queirociana*, de Ernesto Guerra da Cal, incluindo a «Addenda» de 1984, apenas inclui onze entradas sobre a obra, principalmente curtos artigos de jornal¹. O número de estudos mais recentes — alguns (não muitos) artigos, ensaios e dissertações — é também relativamente pequeno.

¹ Cf. E. Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apéndice: Bibliografía queirociana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975, tomo 2.º B [1976], pp. 719-721 e tomo 4.º [1984], p. 295.